



Gramsci e a emancipação do subalterno

São Paulo: Editora Unesp, 2018
Marcos del Roio

Josefa Batista Lopes¹

Estamos diante de um livro duplamente instigante, produto de muitos anos de pesquisa de Marcos Del Roio sobre o pensamento de Gramsci. Já o seria por si mesmo, pelo significado histórico do pensamento do eminente filósofo italiano Antonio Gramsci e da *emancipação do subalterno* como temática de estudo e pesquisa, e também como necessidade histórica desafiadora para os “subalternos” e para toda a humanidade. Ganha, no entanto, relevância maior no atual momento histórico em que os dois eixos temáticos em torno dos quais o livro é construído – o pensamento de Gramsci e a emancipação do subalterno – estão sob fortes ataques no Brasil, onde o conservadorismo reacionário acabou de se impor por meio do voto popular que elegeu para presidente da República um quase desconhecido e inexpressivo parlamentar que, apesar disso, expressa esse pensamento na prática política como poucos, entre seus pares e adeptos, atualmente no país. No primeiro eixo, relativo ao pensamento de Gramsci, é importante considerar o destaque que lhe é dado no governo que assumiu o poder do Estado brasileiro, em 1º de janeiro de 2019, como a principal referência intelectual do ataque aberto e sistemático desse governo ao marxismo, com interpretações superficiais e caricatas dessa corrente de pensamento, e em particular do pensamento de Gramsci no interior do marxismo. Já sobre os ataques relativos ao segundo

eixo da construção do livro, a emancipação do subalterno, entendo que estão na origem e constituem o real motivo dos ataques do conservadorismo reacionário ao marxismo, destacando aí o pensamento de Gramsci. Nesse sentido, é a emancipação do subalterno que o conservadorismo reacionário combate, efetivamente, na histórica luta de classes, acirrada na atualidade com o aprofundamento da deterioração das condições objetivas do processo de emancipação do subalterno nas sociedades capitalistas, desde o final da década de 70 do século XX, com o início da era neoliberal do capitalismo e sua intensificação desde o final da década de 80 daquele século, quando ocorreu a completa derrocada da experiência socialista, originada com a Revolução Russa de 1917. Expressa, assim, o movimento de avanço da contrarrevolução inerente ao neoliberalismo que exacerba a exploração e a humilhação da força de trabalho e a fragmentação da classe trabalhadora e de todos os subalternos. A contribuição do livro é, portanto, dupla. Para os pesquisadores do pensamento de Gramsci, no trabalho de pesquisa e aprofundamento dos estudos sobre a temática da emancipação do subalterno, como necessidade histórica e as polêmicas em sua problematização – que não são poucas também entre os marxistas. E para o trabalho de militantes, no enfrentamento dos ataques ao marxismo e em particular a Gramsci, como filósofo marxista privilegiado nos ataques do conservadorismo reacionário no atual governo brasileiro.

Composto, como diz o autor na apresentação do livro, “por uma dezena de ensaios escritos ao longo do tempo numa diversidade de ocasiões e com objetivos também diferentes”, foi certamente intencional, mas não tão fácil, a definição da *emancipação do subalterno* como eixo temático do pensamento de Gramsci – que é, efetivamente, o núcleo básico da obra –, considerando inclusive que essa temática é mencionada de modo explícito, apenas em um dos títulos dos ensaios-capítulos do livro, o oitavo capítulo, e do qual reproduziu o título, “Gramsci e a emancipação do subalterno”. Por isso, para o iniciante no estudo do pensamento de Gramsci que se interesse pela leitura do livro, instigado pela temática, recomendo começar a leitura pelo oitavo capítulo, ponto de partida e também a ênfase desta resenha. Nessa parte, Del Roio expõe a concepção de Gramsci sobre as duas categorias que a constituem – *emancipação* e *subalterno* – nas especificidades de cada uma delas e na totalidade temática, expressa nas condições objetivas e possibilidades históricas de emancipação do subalterno como questão de unidade entre teoria e prática. Isso, no entanto, não significa expor conceitos. A concepção sobre as duas categorias é exposta por Del Roio, considerando a historicidade do desenvolvimento alcançado no pensamento de Gramsci, desde o *L'Ordine Nuovo* aos *Quaderni del Carcere* e da projeção que teve com a difusão desse pensamento, cabendo aqui o registro de que, nas duas referências, Del Roio trabalha com edições

italianas e, especificamente, no referente aos *Quaderni del Carcere*, ele trabalha com a edição crítica do Instituto Gramsci, de Valentino Gerratana, de 1975. Na exposição, a categoria *subalterno* é realçada e tem centralidade em relação à categoria *emancipação* desde a introdução do capítulo, sem significar, no entanto, que essa categoria seja minimizada ou mesmo secundarizada. A emancipação é o horizonte, como fica claro na formulação de Del Roio: “Na teoria e na ação política ‘a luta pode e deve ser conduzida desenvolvendo o conceito de hegemonia, [...]’ condição para que a classe operária possa se emancipar da situação de subalternidade”. E buscando entender o que essa afirmação pode significar, ele conclui que “a condição subalterna só pode vir a ser superada na medida em que a classe operária assume a perspectiva de totalidade e nela se recompõe como humanidade emancipada”. É, portanto, na análise da historicidade da categoria *subalterno*, no desenvolvimento que esta alcançou no pensamento de Gramsci, que na exposição de Del Roio se impõe a categoria *emancipação*, como necessidade histórica, com a mediação da hegemonia.

A construção da análise feita por Del Roio no oitavo capítulo parte de uma problematização da categoria *subalterno*, destacando tendências que foram se formando em relação a essa categoria, com a difusão da obra de Gramsci e a ampliação do “campo de estudos sobre os grupos sociais subalternos”, por autores de grande importância, como Raymond Williams, Edward Thompson e outros mais recentes, embora sem se propor a discutir “as diferenças entre esses autores ou avaliar a contribuição de cada um”, mas investigando e expondo a particularidade da compreensão de Gramsci sobre as classes subalternas, em cujo movimento Del Roio aponta uma polêmica de grande relevância no debate marxista: o motivo pelo qual Gramsci passou a utilizar essa categoria “aparentemente em detrimento das noções mais consagradas no âmbito do marxismo, como proletariado, classe operária, campesinato”.

O conjunto da análise sobre a temática no capítulo destacado é exposta por Del Roio por meio de quatro eixos da investigação: 1) “De um meridionalismo a outro, com a mediação da classe operária”. Ou seja, do meridionalismo como “concepção político-cultural difusa e multifacetada”, uma das “matrizes da formação cultural de Gramsci”, ao “novo meridionalismo, de caráter revolucionário”, momento em que Gramsci, sob a influência de Lenin, já com o acúmulo da intensa vivência na “Turim operária e socialista”, empenha-se em “desenhar a estratégia da frente única para a Itália, a qual deveria encontrar na aliança operário-camponesa o núcleo gerador da revolução socialista”; e, nesse movimento, quando escreveu *Alguns temas da questão meridional*, pôde “encontrar um novo lugar para o campesinato na estratégia revolucionária”, ainda que com o reconhecimento da “centralidade da fábrica e do trabalho industrial na questão da transformação revolucionária”.

2) “Da aliança operário-camponesa às classes subalternas”. Aqui Del Roio destaca a produção carcerária de Gramsci, considerando que há avanços, mas também continuidade em relação ao novo meridionalismo, particularmente no tocante às reflexões feitas em *Alguns temas da questão meridional*, embora entenda que o plano de investigação no cárcere exigisse “maior amplitude e complexidade”. Del Roio considera que a vida de prisioneiro foi “uma experiência que provocou em Gramsci o renovado interesse por temas que ocupavam sua mente de estudante em Turim, temas ligados à antropologia linguística, ao folclore, à cultura italiana” e que aguçou sua curiosidade e reflexões sobre “importantes mediações na ‘desagregação social’ dos subalternos, particularmente do Mezzogiorno”. Ele também aponta para uma continuidade na discussão sobre os intelectuais, bem como na interlocução de Gramsci com Sorel e Rosa Luxemburgo, marcante em sua formação do novo meridionalismo, mas agora avançando na crítica aos dois interlocutores. Ao destacar reflexões específicas que o filósofo faz em torno de “classes subalternas” e “grupos subalternos”, Del Roio levanta a questão sobre essas expressões quanto a implicações de ordem teórico-metodológica ou política na mudança, ainda que considere tratar-se de uma “possível ampliação do mesmo campo analítico”.

3) “Classes subalternas e intelectuais”. Nesse eixo, central no capítulo oito e na temática da emancipação do subalterno, Del Roio expõe, com mais detalhes em relação aos dois eixos anteriores, sua investigação sobre a categoria das classes subalternas no pensamento de Gramsci; inclusive retomando e analisando questões e polêmicas que formulara antes, como a questão sobre o uso dos termos “classes subalternas” e “grupos subalternos”, como diz ele e já citado antes: “aparentemente em detrimento das noções mais consagradas no âmbito do marxismo, como proletariado, classe operária, campesinato”. De suas reflexões, deduz que “a generalidade do termo ‘classes subalternas’ ou ‘grupos subalternos’ possibilita a análise apurada de particularidades as mais diversas dentro de uma tendência geral à unificação do gênero humano”, entendendo que essas categorias não levam, como alguns supõem, a “uma possível diluição da classe operária”.

Para demonstrar a centralidade da fábrica no pensamento de Gramsci, Del Roio recorre à importância que Gramsci deu ao “americanismo e fordismo como tema de pesquisa” e destaca ainda que, no caderno 13, Gramsci “trata particularmente da situação da classe operária, de um ponto de vista metodológico, do seu formar-se como classe capaz de dirigir um arco de alianças composto pelo conjunto das classes subalternas contra a dominação burguesa”. E no aprofundamento da exposição em relação à luta dos subalternos, Del Roio destaca a importância atribuída por Gramsci à cultura, considerando “como a cultura das classes subalternas se rompe e se transforma em cultura

e vontade coletiva antagônicas à das classes dominantes, rompendo-se assim a subalternidade”, uma questão que Del Roio considera “crucial não só no conjunto dos Cadernos do cárcere, mas em toda a elaboração da cultura política do marxismo”.

Do exposto, depreende-se que se trata, portanto, de uma questão fundamental na luta pela emancipação que se constitui em um movimento complexo, com a necessária mediação dos intelectuais orgânicos das classes subalternas, ou seja, não se pode pensar na luta pela emancipação dos subalternos dissociada de intelectuais. Significa, para Del Roio, que “a negação/superação da condição subalterna não pode passar ao largo da formação de um grupo intelectual autônomo forjado pelas próprias classes subalternas em luta contra a condição”, e remete, necessariamente, à questão da hegemonia na perspectiva da “fundação de uma nova ordem, de um novo Estado”; resulta de um processo no qual para Gramsci, segundo Del Roio, “caberia à classe operária, uma classe subalterna particular, agrupar o conjunto das classes subalternas para a luta contra o capitalismo e por uma nova ordem social”. Significa, portanto, que “somente uma coalisão do conjunto das classes subalternas, orientadas pela classe operária e seus intelectuais orgânicos – o príncipe moderno –, poderia se constituir em força antagônica e alternativa ao capitalismo”.

4) “Gramsci em Fórmia”. Nesse último eixo do capítulo oito, Del Roio se dedica ao trabalho intelectual de Gramsci na prisão, depois da transferência do cárcere de Turi, nas imediações de Bari, para a clínica de Fórmia, destacando a retomada do “projeto de reflexão crítica sobre o americanismo e o fordismo” do Caderno 22 que Gramsci “parecia ter deixado para trás, voltando a insistir e mostrar a importância da classe operária no mundo moderno”; e, assim, debruça-se “sobre o *novíssimo* produzido pelo capitalismo: o americanismo fordista”, que avançara em grande ofensiva sobre as classes subalternas, as quais, no entanto, resistiam a serem “manipuladas” e “racionalizadas”. Enquanto “a novíssima classe operária ainda está em construção, não é e ainda está longe de ser uma classe em condições de colocar a questão da hegemonia em disputa”.

Mas, nesse eixo do capítulo oito, Del Roio se dedica, sobretudo, à análise dos Cadernos 25 e 27. Ressalta que para a formação do Caderno 25, como caderno especial, “Gramsci recolhe com poucas mudanças as anotações anteriormente feitas” e denomina *Nas margens da história. História dos grupos sociais subalternos*, considerando que esse caderno “de certa forma é um contraponto com o temário do Caderno 22”. Sem explicitar imediatamente a justificativa para essa sua suposição, Del Roio passa a expor a análise do Caderno 25, destacando que nesse caderno “a expressão ‘classes subalternas’ é substituída

por ‘grupos subalternos’, mas não desaparece do texto”, com a explicação feita por Gramsci de que a “tendência à unificação desses grupos é continuamente destruída pela iniciativa dos grupos dominantes, de modo que essa tendência pode ser demonstrada apenas em caso de sucesso”.

Uma explicação que Del Roio demonstra mediante citação do próprio Gramsci no referido caderno, na edição italiana dos *Quaderni del cárcere*, §2, p. 2283. Assim, embora ele não explicita como tal a justificativa para sua suposição, da exposição e análise que faz do *Americanismo e Fordismo*, tema do Caderno 22, é possível depreender que o americanismo fordista em Gramsci pode ser pensado, historicamente, como uma das iniciativas da classe dominante que continuamente destroçam a “tendência à unificação” das classes subalternas, tema do Caderno 25, em um processo no qual, como aponta Del Roio, Gramsci entende que o Estado assume papel central, considerando que “na época burguesa, o Estado tende a centralizar a atividade da classe dominante, tende a coordenar a hegemonia sobre a classe operária e o conjunto dos grupos subalternos. Estes, por sua vez, manifestam a sua autonomia por meio de organizações econômicas, políticas e culturais”, sempre confrontadas pelo Estado e pela classe dominante no sentido de “submeter essa autonomia”.

Da análise do Caderno 27, composto por poucas páginas dedicadas ao folclore, a exposição de Del Roio se detém na atenção que Gramsci dá ao folclore “como cultura, mais especificamente como cultura popular” na compreensão de que “o folclore é composto pela concepção de mundo e de vida das classes subalternas”. Aparece aqui, portanto, com maior destaque uma das preocupações centrais de Gramsci em relação à luta emancipatória dos subalternos, a questão da cultura, já apontada no eixo anterior desse ensaio-capítulo, mas agora pensada mais amplamente e na sua especificidade.

O ensaio-capítulo oito é, assim, como dito antes, o núcleo central e fundante da análise da temática *emancipação do subalterno*, mas os demais ensaios-capítulos são igualmente importantes nesse livro de Del Roio, e como tal devem ser considerados os sete ensaios-capítulos que antecedem o capítulo oito e os dois posteriores que fecham o livro. Seja considerando a amplitude do seu objeto – o pensamento de Gramsci sobre a temática –, seja pela importância que têm para a compreensão da temática específica.

Os sete capítulos que o antecedem compõem quatro núcleos importantes no conjunto da obra e na compreensão da temática *emancipação do subalterno*, embora esses ensaios não sejam circunscritos à investigação dessa temática. Ainda que ofereçam elementos para sua compreensão, abordam mais amplamente o pensamento de Gramsci no tocante aos temas específicos de cada ensaio.

O primeiro núcleo é composto por três ensaios sobre a interlocução de Gramsci com Rosa Luxemburgo e com Lenin. São dois dos três principais

interlocutores destacados por Del Roio na análise que faz da emancipação do subalterno no ensaio-capítulo oito. Mas, para além dessa temática, os ensaios abordam a aproximação de Gramsci com os dois intelectuais revolucionários em diferentes momentos do desenvolvimento de seu pensamento, registrando que, embora Rosa tenha lhe marcado antes, Lenin passa a ter maior presença e a ser sua maior referência depois da Revolução Russa de 1917, destacadamente nos Cadernos do Cárcere. O terceiro interlocutor importante, enfatizado no capítulo oito, é Sorel, que, como diz o próprio Del Roio: “Ainda que não conte com um capítulo específico” no livro, tem presença expressiva no pensamento de Gramsci.

O segundo núcleo de ensaio-capítulo é formado por um único ensaio intitulado “O jacobinismo como mediação entre o príncipe de Maquiavel e o príncipe de Gramsci”, um tema que Del Roio considera relevante, conforme expressa na justificativa sobre o capítulo: a “escolha do príncipe jacobino como objeto deste capítulo se explica [...] por ser uma rota possível para subtrair elementos de pendor universal para a reflexão gramsciana”.

O terceiro núcleo, composto por dois ensaios, aborda o papel fundamental que assume a educação no pensamento de Gramsci na luta por emancipação das classes subalternas, embora no capítulo oito, centrado no tema da emancipação do subalterno, o pensamento de Gramsci sobre a educação nessa luta não seja devidamente realçado.

O quarto núcleo é formado por um único ensaio, que Del Roio intitula “Gramsci e o trabalho como fundamento da hegemonia”, e destaca aí duas das categorias centrais – trabalho e hegemonia – em sua preocupação na análise que faz no capítulo oito, embora, como nos demais ensaios, a investigação não seja circunscrita à temática da emancipação do subalterno. Nesse ensaio, todavia, mais que nos anteriores, a emancipação ganha maior expressão por meio da análise da categoria hegemonia, que no ensaio-capítulo sete tem primazia em relação à categoria trabalho. Pode-se dizer até que, na exposição que Del Roio faz no capítulo oito, essas duas categorias são fundantes da temática emancipação do subalterno, ainda que a categoria hegemonia apareça mais destacada nesse sentido do que a categoria trabalho, que não é analisada na sua especificidade.

Assim, no seu todo, este ensaio é fundamental no aprofundamento da análise feita por Del Roio sobre a temática, particularmente no tocante à categoria hegemonia e ao movimento de emancipação das classes subalternas, destacando-se, nesse aspecto, o último item do capítulo “De uma hegemonia a outra: trabalho e cultura com a mediação da política”.

Os ensaios-capítulos nove e dez, que fecham o livro, compõem um núcleo de discussão sobre a categoria da revolução passiva em Gramsci, con-

siderada em relação ao processo de mundialização do capital e na particularidade do Brasil, com uma análise que mostra a atualidade do pensamento de Gramsci e a pertinência dessa categoria para compreender os movimentos do capital e a luta de classes nesses movimentos, no atual momento histórico, particularmente quanto à “tendência à unificação” dos grupos subalternos que “é continuamente destroçada pela iniciativa dos grupos dominantes”. Orientado pelo interesse em conhecer o potencial da contribuição da categoria revolução passiva, conforme pensada por Gramsci, para a compreensão do atual estágio de desenvolvimento do capitalismo, Del Roio desenvolve no ensaio-capítulo nove uma análise histórica e problematizadora sobre essa categoria com destaque para o significado e a importância que ela assumiu no pensamento de Gramsci ao analisar situações concretas. E no último capítulo ele avança na análise da categoria de revolução passiva, agora pensada na particularidade do Brasil, apontando inicialmente uma preocupação com a tradutibilidade de Gramsci para o Brasil no referente a essa categoria, o que Del Roio considera possível “desde que se vincule à pesquisa da particularidade da revolução burguesa” no país. Com esse pressuposto, expõe uma análise instigante em relação à revolução burguesa no Brasil, como revolução passiva, na qual faz referência à presença das classes subalternas e de algumas das instituições de organização dessas classes – PT, MST, CUT e MTST – com indicações de análise, a meu ver, muito problemáticas, como toda a análise desse capítulo dez, que é instigante, sobretudo para uma crítica ampla e complexa à qual não me dedico aqui.

Ressalto que esses dois últimos capítulos, embora como os que antecederam o capítulo oito também não sejam circunscritos à investigação da temática emancipação do subalterno, têm uma importância particular no conjunto da obra, considerando o caráter da análise de Del Roio sobre o movimento real concreto, enquanto os oito capítulos anteriores são expressões de análises teóricas que estão na base da análise das situações concretas analisadas. A análise é, sem dúvida, um desafio diante da complexidade do momento histórico de uma nova investida do capital em crise sobre as classes subalternas, e em relação às condições objetivas de unificação dessas classes como necessidade histórica de emancipação de toda a humanidade.

NOTAS

1. Doutorado em Serviço Social pela PUC/SP, com estágio em Pesquisa no Instituto Gramsci de Roma; Pós-Doutorado no CENEDIC/USP. Professora aposentada da UFMA, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da UFMA. Contato da autora: josefablopes@uol.com.br